

Juventudes rurais e processos educativos

Rural youth and educational processes

Juventudes rurales y procesos educativos

Recebido: 28/11/2020 | Revisado: 03/12/2020 | Aceito: 07/12/2020 | Publicado: 10/12/2020

Gisania Carla de Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3202-988X>

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

E-mail: lima.180816@gmail.com

Severino Bezerra da Silva

ORCID: https://orcid.org/0000_0002_3062_6640

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

E-mail: severinobsilva@uol.com.br

Resumo

Este trabalho teve como objetivo refletir sobre a condição social da juventude rural e apontar aspectos da dinâmica dos processos educativos emancipatórios, com recorte para jovens de assentamentos rurais na região do Brejo paraibano. A relevância acadêmica e social deste trabalho se dá na compreensão da realidade da condição social da juventude rural pode a partir de seu envolvimento com esses processos, contribuindo para estudos no campo educacional. A abordagem de pesquisa qualitativa nos permitiu adotar para o trabalho de campo os seguintes procedimentos: levantamento e revisão bibliográfica, observação participante e entrevistas (roteiro semiestruturado). Como resultados, apresentamos reflexão sobre a juventude rural como categoria social e sujeito de transformação e destacamos a relação dos processos educativos com os princípios de uma educação libertadora para a realização. Consideramos que esses processos articulam e mobilizam a participação dessa juventude em espaços públicos, possibilitando inserções e práticas para a autonomia do sujeito jovem e para a formação de identidade juvenil rural.

Palavras-chave: Juventude; Processos educativos; Mundo rural.

Abstract

This work had as aim to reflect on the social condition of rural youth and to point out dynamic aspects of emancipatory educational processes, focusing on young people from rural

settlements in the region of Paraíba called Brejo. The academic and social relevance of this work is given in the understanding of the social condition reality of rural youth from its involvement with these processes, contributing to studies in the educational field. The qualitative research approach allowed us to adopt the following procedures for fieldwork: bibliographical survey and review, participant observation and interviews (semi-structured script). As a result, we present a reflection on rural youth as social category and subject of transformation and we highlight the relation between educational processes and the principles of a liberating education turned to realization. We consider that these processes articulate and mobilize the participation of this youth in public spaces, allowing insertions and practices for the young subject autonomy and for the formation of rural youth identity.

Keywords: Youth; Educational processes; Rural world.

Resumen

Este trabajo tuvo como objetivo reflexionar sobre la condición social de la juventud rural y señalar aspectos de la dinámica de los procesos educativos emancipatórios, con cita para jóvenes asentamientos rurales en la región de Brejo de Paraíba. La relevância académica y social de este trabajo se da en la comprensión de la realidad de la condición social de la juventud rural desde su participación en estos procesos, contribuyendo para estudios en el campo educativo. El enfoque de investigación cualitativa nos permite adoptar, para el trabajo de campo, los siguientes procedimientos: encuesta y revisión bibliográfica, observación participante y entrevistas (guión semiestructurado). Como resultados, presentamos reflexión sobre la juventud rural como categoría social y sujeto de transformación, así como destacamos la relación entre los procesos educativos con los principios de una educación liberadora para la realización. Consideramos que estos procesos articulan y movilizan la participación de esta juventud en espacios públicos, permitiendo inserciones y prácticas para la autonomía del sujeto joven y para la formación de la identidad juvenil rural.

Palabras claves: Juventud; Procesos educativos; Mundo rural.

1. Introdução

A complexidade do termo juventude está expressa nas abordagens que a interpretaram como etapa problemática da vida social; como ator estratégico para o desenvolvimento; como período preparatório ou uma moratória social; por fim, como sujeito de direitos (Furtado, 2009), repercutindo em períodos específicos da história social e política do Brasil. No entanto,

destacamos que na representação da juventude tem prevalecido uma concepção adultocrata que impossibilita o diálogo em torno da superação das questões que atingem as juventudes na contemporaneidade.

Para Groppo (2015), juventude é conceituada como representação sociocultural, categoria que não considera apenas o critério etário, mas, define-se por critério sociocultural que institui subcategorias de indivíduos jovens a partir da classe, estrato, etnia, religião, mundo urbano/rural, gênero. Isso ressalta uma característica que passou a compor essa categoria, ou seja, a heterogeneidade que nos faz considerá-la a partir da pluralidade constituída na diversidade das inserções nos espaços educativos e participativos das juventudes. Além disso, as projeções que os jovens fazem para o futuro se formam da multiplicidade das experiências que têm vivenciado (Abramoway, 2015).

A fluidez, imprecisão, variação e diferenças da categoria juventudes rurais, são apontadas por Carneiro (2005), que ressalta dessa categoria: “[...] socialmente construída e que se caracteriza pela transitoriedade inerente às fases do processo de desenvolvimento do ciclo vital” (p. 245). A realidade dessas juventudes no campo é marcada pelas consequências do processo de migrações e o desinteresse pela vida no campo. De outra maneira, a autora aponta o interesse dos jovens por assuntos relacionados à educação, tendo em vista que há o incentivo constante das famílias para o estudo e o acesso a espaços escolares. Nisso, acrescentamos que essas juventudes estão envolvidas também com processos educativos não escolares que têm potencializado suas experiências e influenciado na elaboração de seus projetos de vida.

Processos de formação sociopolítica têm estabelecido espaços de aprendizados, de construção de saberes, constituindo diálogos e encontros possíveis para que as juventudes experimentem autonomia e para visibilizar a condição dos jovens no campo. Chamamos atenção neste artigo para os processos que se fundamentam em uma educação humanizada, para a cidadania, que contribui para que as juventudes criem, através de suas experiências, meios para que a participação dos jovens seja direcionada para mudanças significativas em sua realidade.

Segundo Furtado (2009) o envolvimento dos jovens do campo em processo formativo é caracterizado por serem mais atuantes, participativos, envolvidos com o desenvolvimento de sua comunidade, conscientes de seus direitos e deveres enquanto cidadãos. Destacamos que os resultados disso reconfiguram os interesses dessa juventude que com experiências em processos educativos constroem trajetórias que garantem a relação com a vida no campo e uma identidade juvenil, tendo em vista uma realidade que os coloca em risco por conta dos

rebatimentos da economia neoliberal, cujo campo está representado apenas como lugar de produção.

Para Taffarel e Oliveira (2015) o modelo agroexportador, baseado na monocultura e no uso de tecnologias, compõe o projeto neoliberal para a população do campo, onde se evidenciam retrocessos no processo de reforma agrária, a falta de investimentos em políticas públicas econômicas e sociais, em especial, a falta de universalização da educação em todos os níveis. Nesse sentido, acentuam-se as precariedades e desigualdades nas condições sociais da parcela jovem dessa população, resultando no provável abandono do campo por parte desta.

A existência de processos de formação no espaço rural tem favorecido uma imagem do campo que deixa de lado a inércia, o atraso, para se constituir como um espaço plural de onde emergem experiências significativas para as juventudes. Araújo (2014) avalia em estudo realizado sobre processos educativos no campo, que é necessário perceber e dialogar com os processos que estão presentes nesse cotidiano e desassociar a educação das populações do campo apenas ao espaço escolar, enfatizando que eles contribuem para o fortalecimento de uma concepção de educação nesse contexto. Logo, percebemos que as experiências com os processos têm apontado para possibilidades que buscam tornar o mundo rural um lugar de qualidade de vida, produtor de práticas sociais e culturais que fortaleçam identidades juvenis.

Os saberes construídos com as experiências juvenis nos processos favorecem o exercício da autonomia, no sentido de vislumbrar um movimento de superação da situação de invisibilidade das juventudes nos espaços de decisão. Assim, saber é representação de mundos subjetivos, intersubjetivos e objetivos, constituído com um conjunto de práticas, compreendido como enfrentamento, resistência, diante de uma cotidianidade de conflitos e contradições (Jovcheiavitch, 2011). Deste modo, o saber indica comunicação, diálogo, que se estabelece com a diversidade presente no contexto e a convivência entre diferentes saberes, resultando em visões de mundo, modos de viver a cotidianidade e na produção de novidade, transformação.

Outro aspecto relevante, nesse contexto, é o envolvimento dos jovens com os processos educativos, que tem fortalecido a formação de um território da atuação juvenil, através das “[...] práticas educativas nas lutas do cotidiano são processos formativos que geram saberes que não apenas ajudam essas pessoas e grupos a viver, mas também são importantes para a recriação da sociedade” (Streck, 2013, p. 361).

É importante realçar que os fundamentos teóricos-metodológicos desses processos estão baseados em princípios da educação para a autonomia, a cidadania, que toma a

democracia como valor cultural experimentado pelos sujeitos, constituída “[...] na intervenção, na reinvenção, na busca inquietada, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros (Freire, 1987, p. 58)”. Uma concepção de educação forjada nas práticas sociais e culturais, em relações dialógicas e escuta contextualizada que conecta elementos dos processos de aprendizagem à realidade dos sujeitos.

Logo, o fértil encontro entre as juventudes e a educação é identificado nos processos que tomam como referência a concepção de educação que contribui para práticas que consolidam experiências juvenis e suas possibilidades para mudanças importantes no contexto em que estão inseridas as juventudes rurais.

2. Caminhos para reflexão

A abordagem de pesquisa qualitativa se constitui em desprendimento, imersão, busca, descoberta, encontro, fascínio, e requer do pesquisador uma postura que favoreça esse movimento com a aplicação de procedimentos metodológicos que permitam desvendar o conhecimento e explica aspectos que compõem as experiências juvenis no contexto rural com os processos educativos.

De acordo com Goldenberg (1997):

A pesquisa qualitativa, através da observação participante e entrevistas em profundidade, combate o perigo de bias, porque torna difícil para o pesquisado a produção de dados que fundamentem de modo uniforme uma conclusão equivocada, e torna difícil para o pesquisador restringir suas observações de maneira a ver apenas o que sustenta seus preconceitos e expectativas (p. 47).

Desse modo, é necessário conhecer para além das pré-noções e juízos de valor que permeiam as experiências humanas. Minayo (1998) considera que a pesquisa qualitativa se constitui para “... sondar a realidade e desvendar seus segredos”, mostrando como se configura a busca pelo conhecimento do mundo social, ou o que precisa ser conhecido. Com isso, procedimentos adotados possibilitam, segundo Becker (1997), a composição de um “mosaico científico”, que assegure através da cientificidade o cuidado com o que está sendo descoberto.

A pesquisa qualitativa nos permite considerar a dimensão subjetiva dos processos educativos, compondo a esfera analítica para compreender os significados das experiências

juvenis. Os elementos que fundamentam essa dimensão na pesquisa qualitativa são apresentados de forma sucinta por Moreira (2005) na citação a seguir.

Falamos aqui de ‘subjetividade’ dos atores não no sentido psicológico do termo, mas no sentido em que tempo e espaço atualizam-se nas representações sociais, assumindo tons novos e singulares. Daí a necessidade de compreender a forma pela qual o tempo aflora no presente, trazendo à tona o que foi vivido no passado para fazê-lo emergir no aqui e agora sob a forma de lembranças e recordações que passam, então a construir representações marcadas socialmente, com um papel ativo e partícipe da construção presente e futura do ator social (p. 29).

Na abordagem qualitativa, o estudo de caso como método de investigação nos permitiu tratar particularidades e singularidades do fenômeno, sendo possível compreender seus detalhes e sua totalidade. O estudo de caso como método institui possibilidades para a análise pela intensidade dos elementos que podem ser elencados com sua aplicação. Isso representa um desafio para a compreensão dos fenômenos sociais, tendo em vista que eles se descrevem a partir de critérios qualitativos presentes na dimensão subjetiva, promovendo um olhar sobre o invisível, em busca do essencial.

Minayo (1998) apresenta o estudo de caso como uma estratégia metodológica do tipo exploratório, descritivo e interpretativo, destaca que enquanto método ele admite uma visão de determinado fenômeno para compreensão detalhada do objeto de estudo, cuja observação direta é uma técnica fundamental nesse processo. Aliando observação direta, descrição e interpretação, a aplicação desse método sinaliza neste texto os caminhos adotados para compreender os processos educativos.

Consideramos ainda o conhecimento prévio como procedimento viável para fugir de estigmas e preconceitos. Minayo (1998) e Richardson (2003) tratam desse momento na pesquisa como fase exploratória, e Moreira (2005) acrescenta a noção de pesquisa prévia, do conhecimento primeiro do universo da pesquisa para, posteriormente, “caracterização sumária” desse universo, ou seja, o conhecimento sobre os dados que nos permitem conhecer o universo pesquisado. Isso possibilita os momentos seguintes do trabalho de campo, viabilizando a avaliação dos procedimentos e o aprofundamento de questões norteadoras.

Para conhecer os aspectos dos processos educativos, mantivemos contato para estabelecer uma relação de confiança que favoreceu a aplicação de entrevistas com roteiro semiestruturado com sujeitos, cujas narrativas tornaram possível maior detalhamento de informações para análise dos resultados das experiências juvenis nos processos educativos. Alguns trechos das entrevistas serão apresentados na seção seguinte para respaldar nossa

reflexão sobre o tema, identificados numericamente, resguardando a identificação dos participantes.

Destacamos, do levantamento e revisão bibliográfica realizada, os subsídios para conceituação e definição dos termos aqui tratados, além de apontar aspectos da representação social e política da categoria juventude e dos processos educativos. As contribuições de autores como Groppo (2015), Silva (2011), Carneiro (2005), Araújo (2014), Freire (1987), Streck (2013), foram fundamentais para nosso referencial teórico.

O desenho teórico-metodológico empregado neste artigo favoreceu nosso objetivo de refletir sobre a condição social da juventude do campo e apontar aspectos da dinâmica dos processos educativos que a envolvem; e a análise dos resultados das experiências dos jovens de assentamentos rurais no Brejo paraibano nesses processos.

3. Aspectos dos Processos Educativos: Discutindo Resultados

É certo afirmar que as juventudes do campo experimentam as consequências das desigualdades sociais de seu contexto social, vivenciando momentos de incerteza, de vulnerabilidade. Em contrapartida, buscam reconhecimento com suas inserções e práticas sociais que sinalizam tanto sua condição social quanto a consolidação das possibilidades que resultam de suas experiências em processos educativos.

A demanda por formação sociopolítica se concretiza no envolvimento dos jovens com esses processos, objetivando qualidade de vida para essa parcela da população do campo, com uma perspectiva diferenciada de entender e viver o campo, diante de um planeta em risco por conta das questões climáticas e da necessidade de instalar a gestão sustentável dos recursos naturais com ideal de sustentabilidade e o ecodesenvolvimento. Essas são traços que evidenciam as questões relacionadas ao mundo rural, com destaque para as práticas produtivas das populações do campo.

Os caminhos e as estratégias utilizadas para promover essa formação são organizados através de processos educativos que almejam, através do desenvolvimento de práticas comprometidas com a mudança social e o enfrentamento das dificuldades, promover a autonomia dos jovens como atores sociais perante sua realidade. Os processos que consideramos em nossa análise dialogam com temáticas que contribuem para mobilizar e articular jovens em assentamentos rurais no Brejo paraibano para uma atuação propositiva, combativa, com incidência na realidade desse território.

A princípio, ponderamos que esses processos contribuem para materializar possibilidades, e surgem do encontro da educação, que se constitui humanizadora, com as juventudes do campo. Daí, resultam saberes para novas práticas sociais, tendo em vista que os jovens experimentam formar uma nova consciência que lhes possibilita refletir sobre seu papel como ator social e mudar sua relação com o mundo rural.

É possível identificar que o frequente envolvimento das juventudes com processos educativos tem feito com que se destaquem na resistência, no enfrentamento, as precariedades no campo. Por outro lado, destacamos que essa participação dos jovens promove a renovação dos campos de atuação das organizações sociais que têm fomentado as ações educativas através dos processos, investindo em pautas que expressam as demandas desses atores sociais.

A compreensão acerca da definição e repercussão desses processos é ampla e envolve uma série de ações e sujeitos, como podemos observar no trecho da entrevista a seguir:

“Os processos educativos que são pautados no campo ficam mais restritos aos ensinamentos escolares, ensinamentos voltados por meio da igreja católica, conhecimentos de vida e em minoria, por meio de algumas intervenções advindas de projetos sociais; movimentos sociais, instituições sociais e ou algum órgão do governo, que trabalhe com o setor agrário. Destaco a participação em grupos de jovens e movimentos sociais, que foram essenciais em minha formação acadêmica [...]” (Entrevista 1).

Essa fala ressalta que, ao assumir princípios de uma educação humanizadora, cidadã, os processos potencializam as experiências das juventudes no território e fortalecem o ideal transformador da educação nesse contexto. Dessa forma, o diferencial no carácter dos processos que destacamos é seu compromisso com os sujeitos e com sua realidade, agregando a ação educativa que promove a discussão sobre as questões da realidade em que estão inseridos. O diálogo é assumido como expressão de uma dimensão ética que valoriza aspectos do cotidiano como cultura, trabalho, produção, e gera reflexão e superação dos estigmas e preconceitos produzidos pela precariedade dos recursos, serviços e equipamentos para melhoria da qualidade de vida. Portanto, o saber da participação construído nos processos indica tanto uma possibilidade de mudança como um caminho para compreender a condição social dessa juventude.

No contexto da região do Brejo, a condição social, a representação da juventude e suas demandas precisam ser compreendidas. Para isso, traçamos um caminho que parte do seu envolvimento nos processos e de como ela tem se definido, ou seja, “...muito espontânea e depende das oportunidades que aparecem, principalmente, ligadas ao mundo do trabalho

(Entrevista 8)”. Daí, os processos têm promovido experiências que tornam visível sua condição social, assim como a trajetória dos jovens para elaborar seus projetos de vida comprometidos com os ideais de justiça e igualdade social.

Alguns processos são instalados através de ações e iniciativas que visem à formação em temáticas específicas do contexto rural, como é o caso do projeto “As Cores do Solo”, que colaborou significativamente para as experiências juvenis com a educação no Brejo; por isso, o tomamos como uma referência para nossa reflexão. O projeto do curso de extensão, “As Cores do Solo”, aconteceu entre os anos de 2016 e 2017, objetivando a implantação do Núcleo de Agroecologia, Capacitação em Análise e Manejo de Solos e Produção Orgânica de Alimentos no município de Bananeiras-PB. Desenvolvido pela Universidade Federal da Paraíba, *campus* III, Bananeiras, com recurso do CNPq/MCTI/MAPA, teve como parceiros: Movimento de Educação do Campo e Agroecologia (MECA); Comissão Pastoral da Terra (CPT); Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA); Associação Serviço de Educação Popular (SEDUP); Fórum dos Assentados e Assentadas dos municípios de Pilões, Areia, Serraria e Remígio; as Comunidades Quilombolas; AS-PTA e Polo Sindical; Sindicatos dos Trabalhadores Rurais dos municípios de Bananeiras e Solânea. As parcerias possibilitaram mobilizar jovens agricultores dessa região para participarem do curso que contou com um público de cerca de 40 participantes.

A aplicação da proposta pedagógica esteve fundamentada na *Pedagogia da Alternância* através da qual se promoveu troca de saberes, a atuação de jovens educadores nas ações e a formação de multiplicadores no território. Segundo organização do curso, isso permitiu a aplicação de uma experiência de formação horizontal, feita com jovens para jovens, que favoreceu uma pedagogia na linguagem dos jovens, contextualizando conteúdos e ressignificando realidades.

Os temas abordados no curso buscaram a perspectiva da agroecologia para convivência no semiárido e práticas agroecológicas como uso consciente da água, biofertilizantes, compostagem, canteiro econômico, plantio diverso, plantas medicinais, entre outros. Nesse sentido, os eixos temáticos trataram da Saúde do solo, Recuperação de áreas degradadas, Gestão integrada de recursos hídricos; e Sistema agroecológico de produção de alimentos.

É necessário reforçar que experiências como essa ressaltam aspectos importantes na configuração dos processos educativos que envolvem as juventudes do Brejo. O primeiro aspecto é representado pela constituição de parceria que possibilita a realização de ações

articuladas com compartilhamento de responsabilidades entre os atores, desde a mobilização e elaboração da proposta até a execução da ação. A articulação de instituições, entidades e movimentos sociais, torna-se essencial para que iniciativas possam instalar processos direcionados aos jovens.

Nisso, a perspectiva da atuação em rede de organizações da sociedade civil e de movimentos sociais é fortalecida, caracterizando as ações que repercutem nos espaços públicos e na formação das juventudes. Para Scherer-Warren (2005) rede de movimento social, por exemplo, define-se como uma “síntese articulatória” ou “amálgama” do agir coletivo de vários atores com um princípio identitário que reconhece a redefinição da luta em torno de um sujeito plural; em nosso caso consideramos as juventudes do campo. O quadro de funcionamento das redes, segundo a autora, compreende a seguinte formação: organizações que se encontram na base da sociedade; organizações de articulação política que representam os mediadores na interlocução entre sociedade civil e Estado, associações de ONGs e redes de redes; mobilizações na esfera pública que servem como forma de expressão e de pressão pública: marchas, campanhas, semanas de conscientização, entre outros; e os apoios financeiros vindos de agências nacionais, internacionais e simpatizantes políticos, que contribuem para dinamizar as ações coletivas.

A mobilização dos atores para o envolvimento nos processos compõe o segundo aspecto e representa uma ferramenta indispensável durante toda a execução da ação educativa. Dessa forma, a mobilização garante a publicização de uma proposta formativa, que de contar com a participação dos sujeitos. No caso do projeto “As Cores do Solo”, a participação dos jovens articulados por algumas organizações se deu através de processo seletivo dos participantes. Para os jovens representantes dos assentamentos do Brejo, que compõem o Fórum dos Assentados/as dos municípios de Serraria, Pilões, Remígio e Areia, foram utilizados critérios para seleção que contou com a realização de entrevistas e elaboração de redação sobre o tema “Juventude e Agroecologia”.

O curso funcionou com aulas ministradas mensalmente no *campus* III da Universidade Federal da Paraíba, organizadas nos finais de semana entre a sexta (noite), sábado (dia todo) e domingo (manhã); atividades práticas desenvolvidas no tempo comunidade, onde os formadores visitaram os cursistas para orientações técnicas e para o envolvimento da família no processo formativo. De modo geral, os jovens cursistas apresentavam o seguinte perfil: jovens agricultores familiares, estudantes e filhos de assentados e assentadas, mostrando a preocupação em dinamizar a discussão dessa temática na região.

Diante disso, consideramos o terceiro aspecto na configuração dos processos, ou seja, deve ser considerado a diversidade das juventudes e sua relação com os sujeitos sociais que atuam nos territórios, para que experiências de participação juvenil se consolidem como prática comum. A participação ganha sentido diferenciado, com caráter construtivo, libertador, caracterizando-se também como processo que resulta na partilha de responsabilidade, fortalecendo os atores para a construção de caminhos para uma nova realidade social, como podemos observar na citação a seguir:

Entendemos participação como um processo de vivência que imprime sentido e significado a um grupo ou movimento social, tornando-o protagonista de sua história, desenvolvendo uma consciência crítica desalienadora agregando força sociopolítica a esse grupo ou ação coletiva, e agregando novos valores e uma cultura política nova (Gohn, 2005, p. 30).

Uma das principais funções da participação juvenil é educativa, pois possibilita saberes que capacitam os jovens para práticas onde podem avaliar, intervêm em sua realidade e se relacionam mediados por princípios democráticos. Na prática, tem significado pensar o campo e suas juventudes sob a perspectiva que enfatiza possibilidades de transformação social e melhoria da qualidade de vida dessa população, como já dissemos, com a implantação de políticas públicas que atendam a suas demandas de formação e trabalho.

Outro aspecto da configuração dos processos educativos com esse caráter é que não estão restritos a cronogramas, mas se instalam para desenvolver e construir trajetórias de mudança e superação. Os sujeitos que promovem os processos estão comprometidos com as juventudes e se empenham em promover uma atuação juvenil qualificada no território, o que garante “[...] o sentimento e a consciência de dever cumprido no aspecto de formação agroecológica e para a vida” (Entrevista 8). Assim, requerem ações que sirvam como suporte para inserir, cada vez mais, as juventudes na construção do projeto coletivo para o campo.

Nisso, reafirmamos a relevância dos processos educativos para as experiências do ator social jovem onde o acompanhamento sistemático às demandas dos jovens e o incentivo à participação mais ativa nas ações de luta e resistência pela educação do campo, na região do Brejo e no desenvolvimento de práticas produtivas alinhadas à agroecologia, tornam-se exemplos de sua representação nesse contexto.

4. Algumas Considerações

Cada geração nos apresenta como a vida social vem sendo transformada pelas experiências que acumula vivendo condições de seu tempo, criando, transformando, construindo caminhos, trajetórias. Nisso nos deparamos com a certeza de que cada tempo é tempo único, tempo de experiências, e de que a história contada a partir das experiências contribuem para retratar o que fomos ou somos em um determinado contexto histórico, tornando fundamental o entendimento acerca dos avanços e da superação dos dilemas através de processos educativos experimentados.

Sobre o que consideramos aqui, ressaltamos que a estreita relação entre a perspectiva da educação cidadã, da educação para a vida, e a proposta metodológica dos processos educativos, tem fundamento as experiências que resultam em mudanças na representação social da juventude do Brejo que assume um protagonismo no território. Com a identificação desse quadro, destacamos trajetórias juvenis construídas a partir da composição de saberes, da valorização da vida no campo e da ressignificação de práticas nesse espaço onde os jovens experimentam níveis de autonomia e constroem identidades, pertencimentos, no mundo rural. Ainda, nessas trajetórias os jovens constroem identidades que diante de um contexto de invisibilidades, caracteriza-se como um desafio de acordo com Almeida et. al.(2020): “[...] fomentar na juventude rural uma identidade camponesa - historicamente uma identidade de resistência - configura-se um desafio” (p. 12).

Por fim, as experiências têm alinhado teoria, conceitos, a uma prática juvenil diferenciada através da dimensão educativa dos processos, fazendo emergir daí questões que demandam maior aprofundamento e sinalizam caminhos para investigações futuras, considerando que ainda há muito o que dizer sobre os fenômenos que envolvem as juventudes do Brejo paraibano.

Referências

Abramovay, M. et. al. (2015). *Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?* Brasília-DF: Flacso Brasil; OEI; MEC.

Almeida, J. P. G. de et. al (2020). *Juventude rural e escolarização: da negação de direitos às possibilidades de resistência na Chapada do Apodi-Ceará*. In: Research, Society and Development, 9(8). Recuperado de <https://rsdjournal.org/index.php/rsd>.

Araújo, A. M. R. B. de (2014). *Educação do campo – campos de disputas: Um estudo de caso nas comunidades rurais de Ribeiro, Lagedo e Gameleira – Alagoa Nova/PB*. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa.

Becker, H. S. (1997). *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. Tradução de Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec.

Carneiro, M. J. *Juventude rural: projetos e valores*. In: Abramo, H. W. & Branco, P. P. M. (orgs.) (2005). *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo.

Costa, D. M. M. (2012). *O PRONERA no Estado da Paraíba (1998-2008), avanços e limites*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Furtado, Q. V. F. *Uma abordagem reflexiva sobre o lugar do/a jovem na escola da EJA*. In: Furtado, Q. V. F. (2009). *Jovens na educação de jovens e adultos: produção do fracasso no processo de escolarização*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.

Gohn, M. da G. (2005). *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*. São Paulo: Cortez.

Grosso, L. A. (2017). *Introdução à Sociologia da Juventude*. Jundiaí: Paco Editorial.

Jovchelovitch, S. (2011). *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Traduzido de Pedrinho Guareschi. (2a ed.), Petrópolis, RJ: Vozes. (Coleção Psicologia Social).

Minayo, M. C. de S. (1998). *O desafio do conhecimento/Pesquisa qualitativa em saúde*. SP: RJ. Hucites - Abrasco.

Moreira, E. M. (2005). *Servo de ninguém: a pequena produção urbana em João Pessoa*. João Pessoa: Manufatura/PPGS-UFPB.

Neto, J. F. de M. (2004). *Educação Popular: enunciados teóricos*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.

Ribeiro, B. M. de F. *Diversidade das Juventudes: diversidade dos olhares sobre a juventude*. In: LEÃO, Geraldo; Rocha, M. I. A. (org.) (2015). *Juventudes do Campo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Coleção Caminhos da Educação do Campo).

Richardson, R. J. (2003). *Pesquisa-Ação: princípio e métodos*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.

Silva, J. A. de A. (2011). *Jovens assentados, jovens estudantes, jovens professores: juventude em assentamentos rurais do RN*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Scherer-Warren, I. (2005). *Redes de Movimentos Sociais*. São Paulo.

Streck, D. R. *Territórios de Resistência e Criatividade: reflexões sobre os lugares da educação popular*. In: Streck, D. R.; Esteban, M. T. (org.) (2013). *Educação Popular: lugar de construção social coletiva*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Streck, D. R., Redin, E., Zitkoski, J. J. (orgs.) (2016). *Dicionário Paulo Freire*. (3a ed.), Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Taffarel, C. N. Z. et al. *Círculos de estudos, esporte, lazer e artes com a juventude em áreas de reforma agrária: a experiência com os jovens do Recôncavo da Bahia e a elevação do pensamento teórico*. In: Leão, G.; Rocha, Maria Isabel Antunes (org.) (2015). *Juventudes do Campo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Coleção Caminhos da Educação do Campo).

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Gisania Carla de Lima – 50%

Severino Bezerra da Silva – 50%